

JOSEPH RATZINGER – UMA PROFECIA SOBRE O FUTURO DA IGREJA: Superação da Cristandade Europeia

JOSEPH RATZINGER – A PROPHECY ABOUT THE FUTURE OF THE CHURCH:
Overcoming of European Christianity

Antonio Alves de Melo^()*

Resumo

O falecimento do papa emérito Bento XVI ocasionou um debate em torno de sua atuação no exercício do primado petrino. Esta nota pretende apenas destacar a “esquecida profecia sobre o futuro da Igreja” feita por ele há quarenta anos quando era professor de teologia, e o discurso de abertura da Conferência de Aparecida em 13/5/2007, agora como Bento XVI. Os dois textos se completam e ao mesmo tempo demonstram a complexidade do pensamento deste discípulo de Jesus e teólogo-papa.

Palavras-chave: Profecia. Futuro da Igreja. Conferência de Aparecida.

Abstract

The death of pope emeritus Benedict XVI gave rise to a debate around his performance in the exercise of the Petrine primacy. This note is only intended to highlight the “forgotten prophecy about the future of the Church” made by him forty years ago when he was professor of theology, and the opening speech of the Aparecida Conference on 5/13/2007, now as Benedict XVI. The two texts complement each other and at the same time demonstrate the complexity of the thought of this disciple of Jesus and theologian-pope.

Keywords: Prophecy. Future of the Church. Aparecida Conference.

1 VALOR E DISCRIÇÃO DE UM GRANDE PAPA

A profecia foi feita no momento de intensa agitação dos anos Sessenta. A revolução cultural abriu o caminho para mudanças na mentalidade e no estilo de vida. Ainda hoje seus reflexos prosseguem no Brasil e no mundo.

Aqui o golpe militar de 1964 se radicalizara com o AI 5, promulgado a 13 de dezembro de 1968. Entrávamos assim para valer na ditadura militar em andamento há quatro anos. Para enfrentá-la muitos tentaram uma reação política, outros partiram para a luta armada. A Igreja, mediante um grupo de leigos, padres, religiosos e bispos participou da luta em prol da liberdade, da justiça e da verdade, valores fundamentalmente originados do Evangelho, tendo sido marcante a atuação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

^(*) Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma - Itália.
Colaborador da Revista Eclesiástica Brasileira – REB. Endereço atual: Resende, RJ
E-mail: antomaguim@gmail.com

Na mesma época o Concílio Vaticano II assumira um projeto de renovação eclesial preparado durante décadas pela teologia e por experiências pastorais. Renovação fundada na reassunção de dimensões da tradição mais antiga, ao mesmo tempo em que se ampliavam os horizontes para novas formas de ação evangelizadora. Neste contexto a Igreja viu também emergir dentro dela a crítica e a contestação.

Joseph Ratzinger fora um dos teólogos de destaque na assembleia conciliar. Ligado inicialmente a teólogos de orientação progressista como Hans Küng, Edward Schillebeeckx e Karl Rahner, foi se afastando deste grupo e se aproximando de teólogos de orientação mais moderada como Hans Urs von Balthasar e Henri de Lubac.

Em 1969, através de cinco falas radiofônicas Ratzinger expôs sua visão a respeito do ser humano e da Igreja. A quinta parecia impregnada de tonalidade profética ao antever uma Igreja numericamente reduzida, sem os privilégios sociais de que gozara durante séculos, formada de pequenos grupos alimentados pela experiência de fé. Será uma Igreja mais espiritual, mais pobre e mais livre. Contudo nesta nova forma de existir a Igreja aparecerá como esperança para os homens e resposta para o que sempre haviam buscado em segredo.

Citando literalmente o teólogo Ratzinger: “Será uma Igreja mais espiritual, que não subscreverá um mandato político cortejando seja a Esquerda seja a Direita. Será pobre e se converterá na Igreja dos indigentes”. É importante observar que não obstante a tonalidade um tanto trágica da profecia, não se percebe nenhum ranço de saudosismo da cristandade europeia em processo de superação, rumo a um novo modo de ser Igreja¹.

Anos antes, noutro contexto e com outra tonalidade, Karl Rahner já profetizara novo futuro para a Igreja não somente na Europa, mas no mundo inteiro: uma Igreja em diáspora². Recordando agora uma experiência pessoal do longínquo ano de 1964, volto ao que Dona Luzia Ribeiro, então abadessa das beneditinas em Belo Horizonte, profetizara ao falar para um grupo de noviços dominicanos. De acordo com ela a Igreja do Brasil estava a caminho de uma diáspora. Os fatos vêm confirmando o que a monja dissera.

Em meio a tudo isto, devemos manter viva a certeza de que a questão radical não é a Igreja, e sim o desígnio salvífico de Deus: o Pai pelo Filho no Espírito cria o ser

¹ Instituto Humanitas Unisinos, A esquecida profecia de Ratzinger sobre o futuro da Igreja, ihu.unisinos.br/n

² Ver D. Hervieu-Léger, Um catholicisme diasporique. *Recherches de Science Religieuse*, 107/3, 2019, 425-440

humano e todos os seres em vista da participação no vindouro Reino de Deus. A Igreja é sacramento/sinal/testemunha deste desígnio³. Esta é sua missão na história da salvação, missão imprescindível a ser cumprida mediante o testemunho cotidiano de fé, e não pelo triunfalismo enganador de uma cristandade.

2 BENTO XV/BENTO XVI

Joseph Ratzinger foi eleito papa em 2006, adotando o nome de Bento XVI. A escolha deste nome esta relacionada a duas significativas figuras da história da Igreja: São Bento e Bento XV (1914-1922). O pontificado deste último foi pouco demorado, discreto, porém fecundo. Nele se destacam a ação da Santa Sé em meio à Primeira Guerra Mundial tanto na presença atuante junto às vítimas nos campos de batalha, quanto na atuação diplomática em favor da paz. Esta ação diplomática não foi exitosa, porque a violência terrível deste conflito aconteceu: 10 milhões de mortos em quatro anos. Valeu, porém, o empenho profético de Bento XV. A ele devemos ainda o apoio ao sindicalismo cristão, o reconhecimento da relação entre a questão social e o ministério sacerdotal, o interesse pelas missões unido ao desejo de separar a causa missionária dos imperialismos coloniais, a formação de um clero autóctone nas terras de missão, a atenção às Igrejas orientais unidas a Roma, a esperança de um retorno das Igrejas orientais separadas à unidade católica⁴. Mesmo que os rumos da história em muitos casos tenham sido outros, o pontificado de Bento XV valeu por sua discrição e fecundidade. Parece-me que o mesmo pode ser dito em relação ao pontificado de Bento XVI.

3 BENTO XVI E A IGREJA NA AMÉRICA LATINA: apontando caminhos

A 13 de maio de 2007 começava a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. No discurso de abertura, Bento XVI abordou sem muito alarde questões teológicas e/ou pastorais da maior relevância, temperando-as com um realismo impregnado de esperança⁵. Destaco algumas delas.

3.1 CRISTIANISMO, INCULTURAÇÃO E RELIGIOSIDADE POPULAR

³ Cf. A. Haquin, *Vivre em Chrétien dans la société sécularisée*. *Nouvelle Revue Théologique*, 143/4, 2021, 663-669

⁴ Cf. R. Aubert e J. Hajjar. *Nova história da Igreja*. A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno III, Vozes, Petrópolis, 1976, 98-105

⁵ *Documento de Aparecida (DAP)*, 267-284

“O Verbo de Deus, fazendo-se carne em Jesus Cristo, tornou-se também história e cultura”⁶. A fé cristã se fundamenta nesta paradoxal confissão: a Palavra eterna de Deus assumiu a condição humana, tornou-se em tudo igual a nós, exceto no pecado (Hb 4,15). Fez-se homem em determinado contexto sócio-histórico-cultural-político. Dele participou pensando, falando e agindo encarnado naquele contexto. A absoluta universalidade se identifica com uma concreta individualidade: Deus é Jesus Cristo. Assim a missão cumprida por Jesus na história possui alcance universal, cósmico. Como articular estas duas dimensões do mistério de Jesus Cristo com a missão da Igreja no mundo? Este é um dos desafios da inculturação.

Falando da América Latina, Bento XVI encara este processo com excessivo otimismo. Sabemos que a invasão de portugueses e espanhóis foi violenta e destruidora no trato com os povos que há milênios habitavam os territórios invadidos⁷. Os reinos de Portugal e Espanha estavam sob o regime de cristandade. Igreja e Estado atuavam juntos em conluio. Haja vista os versos de Camões:

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé e o Império⁸.

O Evangelho pagou um preço muito alto por essa dilatação conjunta, embora não se possa negar na cristandade a existência de manifestações de autêntico cristianismo seja em eventos marcantes, seja no testemunho cotidiano de cristãos comuns. Haja vista a ação dos jesuítas em defesa dos índios nas reduções do Paraguai e do Brasil; os conselhos dados por escrito pela mãe àquele que viria a ser um dos maiores poetas de nossa língua, Carlos Drummond de Andrade: “Não guarde ódio a ninguém. Compadece-te dos pobres. Cala os defeitos dos outros”⁹.

Aumenta sempre mais o reconhecimento do que representaram as reduções jesuíticas em atuação oposta à crueldade dos colonizadores católicos na escravização dos índios. Por outro lado, no cotidiano do povo simples nos deparamos constantemente com pequenos gestos de amor, fraternidade e solidariedade. Tais gestos muitas vezes chegam a ser comoventes. A ação do Espírito Santo garante que sempre haverá cristãos na Igreja, mesmo nos momentos mais escabrosos da história.

⁶ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p.268-269

⁷ A bibliografia é extensa. Cito apenas um texto referente ao Brasil: L.M. Schwarcz e H.M. Starling. **Brasil: uma biografia**, Companhia das Letras, São Paulo, 2015, 21-49

⁸ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto Primeiro

⁹ C. D. de Andrade. **Farewell**, Record, Rio, 1996, 11

No Discurso de Aparecida, Bento XVI destaca a síntese entre as culturas dos povos originários e a ação dos missionários que resultou “na rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos”. Ele considera esta religiosidade um tesouro a ser protegido, promovido e, quando necessário, purificado. São palavras que indicam um rumo bem diverso daquele seguido no processo de europeização de nossa Igreja com a reforma ultramontana. Olhamos para experiências pastorais do outro lado do Atlântico, e não enxergamos a profundidade da piedade popular brasileira juntamente com os desafios postos por ela, tratando-a muitas vezes como atraso, superstição, alienação. Esta postura foi assumida por conservadores e progressistas. Olhando para um passado mais próximo, afirma o historiador Dilermando Ramos Vieira: “O seguimento do clero que projetou ‘descer do altar’, independentemente de qual tenha sido a sua intenção, supervalorizou o parecer dos leigos ‘engajados’, minimizando a complexidade da religiosidade popular no país”¹⁰.

A religiosidade popular resistiu e continua a demonstrar sua força. Haja vista a presença do povo em nossos santuários tradicionais e o empenho pastoral daqueles que os dirigem. Recentemente em Juazeiro do Padre Cícero 250.000 pessoas participaram da procissão de encerramento do Jubileu celebrado todos os anos entre os dias 25 de janeiro e 2 de fevereiro. Trata-se apenas de um exemplo dessa vitalidade. Ainda me desperta emoção a força profunda da fé popular que presenciei anos atrás em Bom Jesus da Lapa, na Bahia.

O reconhecimento do sentido teológico-pastoral da piedade popular constitui um das decisões mais relevantes da Conferência de Aparecida. Um dos textos mais profundos e belos do *Documento de Aparecida* é aquele dedicado à piedade popular¹¹. Haja vista as seguintes afirmações: “A ‘religião do povo latino-americano é expressão da fé católica. É um catolicismo popular’, profundamente inculturado, que contém a dimensão mais valiosa da cultura latino-americana... O próprio Cristo se faz peregrino e caminha ressuscitado entre os pobres... A piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em multidão não é uma ‘espiritualidade de massas’... A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do

¹⁰ D.R. Vieira. **O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**, Santuário, Aparecida, 2007, 514

¹¹ *DAP*, 258-265

amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça. Por isso, a chamamos de espiritualidade popular¹². Estes são apenas alguns trechos de um texto precioso em seu fundamento teológico e nos horizontes pastorais que abre.

3.2 FORTALECIMENTO DA PERTENÇA À IGREJA E SUA PRESENÇA PÚBLICA

A Igreja tem a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. Isso leva a segui-lo, viver em intimidade com ele, imitar seu exemplo e dar testemunho... Ante a prioridade da fé em Cristo e da vida 'nele', formulada no título desta V Conferência, poderia surgir também outra questão: Esta prioridade não poderia ser acaso uma fuga para o intimismo religioso, um abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e uma fuga da realidade para um mundo espiritual?"¹³.

Em seu discurso de abertura Bento XVI tratara da questão, partindo da questão fundamental: "Só quem reconhece Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano"¹⁴. Não se trata, porém, de um Deus-Ideia, e sim do Deus conosco, "Deus do amor até a cruz"¹⁵. Deus é Jesus Cristo eternamente gerado pelo Pai na eterna comunhão com o Espírito.

A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza¹⁶.

Por conseguinte a presença pública da Igreja mediante a participação dos fiéis na luta por mais igualdade, justiça e liberdade nasce das entranhas da fé.

"É preciso recordar que a evangelização esteve sempre unida à promoção humana e à autêntica libertação cristã... A vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas"¹⁷. Assim, "a Igreja é advogada da justiça e dos pobres"¹⁸ por fidelidade ao Senhor Jesus e ao Evangelho, ele que diz: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (Jo 8,32). O conhecimento da verdade inclui necessariamente uma experiência viva, existencial. A verdade não se limita ao pensamento, mas conduz necessariamente à prática, a concretizar na ação a verdade que

¹² DAP, 258, 259, 261, 263

¹³ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p.271-272

¹⁴ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 272

¹⁵ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 273

¹⁶ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 273

¹⁷ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 274

¹⁸ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 278

se conhece. Daí a necessidade de um cristianismo de convicção que conduza ao testemunho cotidiano de fé. Dele faz parte o compromisso e a participação na luta pela justiça social, pela libertação.

3.3 A EUCARISTIA NA VIDA CRISTÃ

Bento XVI recorda a importância da Missa dominical a ser participada ativamente em família, se for possível. Estamos diante de algo muito mais decisivo do que o mero cumprimento de um preceito: o encontro com o Ressuscitado que se dá a nós como alimento. Assim fortalecidos somos fortalecidos para testemunhar a fé com os desdobramentos nela contidos, entre os quais o compromisso de lutar por uma sociedade mais justa e fraterna. “Só da Eucaristia brotará a civilização do amor, que transformará a América Latina e o Caribe para que, além de ser o continente da Esperança, seja também o continente do Amor!”¹⁹. Temos um longo caminho a percorrer a fim de que a celebração da Eucaristia dominical corresponda ao ensino de Bento XVI. Além de superar a redução ao cumprimento de um preceito, temos o desafio de despertar a mente e o coração dos fiéis para a profundidade, a grandeza e a íntima relação do Mistério Pascal com a vida cotidiana na totalidade de suas dimensões, entre elas a dimensão da responsabilidade social e do compromisso em favor da justiça social. Com a vida em Cristo “se desenvolve também em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”²⁰.

4 BENTO XVI E FRANCISCO

Embora aparentemente diferentes, as afinidades entre o pontificado de Bento XVI e o de Francisco são bem maiores do que pensamos²¹. Duas dentre elas merecem destaque. Primeiramente o apego a Jesus Cristo. Não se trata de um apego piedoso, mas de um Cristocentrismo radical capaz de orientar toda a vida da Igreja. Sem este apego ao Senhor a Igreja não terá futuro. A Igreja é de Jesus Cristo, conforme cantamos no Glória: “Só Vós sois o Santo, só Vós o Senhor, só vós o Altíssimo, Jesus Cristo”. Existe a serviço de Jesus Cristo e de toda a humanidade de quem ele é Senhor, Salvador e Redentor. No serviço à humanidade também está implicada a defesa da criação.

O apego a Jesus Cristo conduz à superação do mundanismo espiritual. Não se trata de questões relativas à relação da Igreja com o Mundo secular, mas de um mundanismo

¹⁹ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 276

²⁰ Discurso de Bento XVI, *DAP*, p. 275

²¹ Cf. P. Levillain. *La papauté foudroyée*, Tallandier, Paris, 2015

espiritual interno à Igreja. Sob a aparência de religiosidade e amor à Igreja, o que verdadeiramente se busca não é a glória do Senhor, e sim a glória e o bem-estar pessoal. O cuidado com as aparências faz com que tudo pareça externamente correto, e não apareçam pecados de domínio público.

Este mundanismo acontece de duas maneiras. Primeiramente numa fé fechada no subjetivismo. A pessoa permanece enclausurada na razão ou nos sentimentos. Em segundo lugar, a confiança em suas próprias forças e o sentimento de superioridade em relação aos outros devido ao cumprimento de certas normas, bem como o apego a certo estilo de ser católico próprio do passado. Esta suposta segurança doutrinal, litúrgica ou disciplinar acaba fazendo com que nem Jesus Cristo nem os irmãos e irmãs interessem verdadeiramente e, em consequência, também não interesse a inserção do Evangelho no povo fiel e nas necessidades concretas da história. O caminho para a superação deste mundanismo espiritual requer uma Igreja em saída de si mesma, a missão centrada em Jesus Cristo, a entrega aos pobres²².

Concluo lembrando alguns documentos de Bento XVI que devem ser lidos, estudados e meditados em razão de sua riqueza, atualidade e profundidade doutrinal: as cartas encíclicas *Deus Caritas est (Deus é Amor)*, *Spe Salvi (Salvos na esperança)*, *Caritas in veritate (O desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade)*, a exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini (A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja)*.

Se na Igreja o papa deve ser o primeiro na obediência a Jesus Cristo, Bento XVI o foi com suas virtudes e limitações pessoais, inserido num complexo contexto eclesial e mundial. Ele merece o elogio supremo a ser feito a todo discípulo de Jesus, qualquer que tenha sido seu lugar na Igreja: “Ante omnia christianus”, ou seja, “Antes de tudo foi um cristão.

(Recebido em fevereiro de 2023: aceito em Fevereiro de 2023)

²² Ver Papa Francisco. **A alegria do Evangelho**, 93-97